

DE GINÁSIO A COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFSC: CENTRO DE EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Prof.^a Ms. Maria Clarete Borges de Andrade¹

Resumo:

O presente artigo é parte da pesquisa de dissertação denominada “Cultura Escolar no Ginásio de Aplicação/ Universidade Federal de Santa Catarina na década de 1960”, realizada por meio da História Oral e também de diferentes registros documentais escritos, iconografados e fotografias. Ele tem por objetivo analisar os aspectos históricos da criação da Universidade Federal de Santa Catarina e inserir nesse contexto o seu Ginásio de Aplicação.

Como campo de estágio dos cursos de licenciatura da UFSC e centro de novas experiências pedagógicas, o Ginásio de Aplicação veio ao encontro dos anseios da classe média, que reivindicava, na época, um ensino secundário tradicional e mais barato. Assim, o Ginásio de Aplicação passou a fazer parte da rede de escolas secundárias do estado em 1961, com propostas inovadoras, tornando-se, mais tarde, Colégio de Aplicação.

Palavras-chave: Ginásio de Aplicação, Colégio de Aplicação, inovação pedagógica, ensino

Abstract:

The present study is part of a Master's thesis named “School Culture at the Ginásio de Aplicação/ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) during the 60s” which was based on interviews with former and current students, former teachers and directors, as well as on written and iconographed documents and photos aiming a timeline and historical analysis of the University and its secondary school.

Acting as proving grounds for students from the teacher-forming courses of the university, the UFSC's Ginásio de Aplicação is also a center for new pedagogical experiences and fulfilled the expectations of the middle class which, at that time, demanded a cheaper and traditional education. As a consequence, the Ginásio de Aplicação was inserted on the State network of secondary schools in 1961, presenting innovative ideas, which changed to Colégio de Aplicação by including high school levels.

Keywords: High School, pedagogical innovation, education

¹ Professora - Colégio de Aplicação
Universidade Federal de Santa Catarina
Mestre em Educação, UFSC
e-mail: clareteba@gmail.com

Introdução

O ar de dinamismo e modernidade vivenciado pelo Brasil ao final dos anos cinquenta e início dos sessenta do século XX, marcado, sobretudo, por investimentos públicos oriundos do poder central, caracteriza-se sem dúvida como um dos principais elementos impulsionadores no poder central e, com certeza, como um dos mais primordiais componentes que impelem o processo de transformação das estruturas políticas, econômicas e sociais do país nesse período.

A mudança da Capital Federal do antigo Estado da Guanabara para o Planalto Central é o principal ícone a marcar definitivamente nossa história mais recente. Ao seu enalço seguem-se novas e vigorosas ações que buscam dotar o estado brasileiro de condições adequadas a absorver esses novos tempos.

Na acanhada Florianópolis desse período surgem igualmente necessidades de mudanças que se manifestam, sobretudo, pelas carências detectadas na estrutura urbana da cidade e pela urgência na implantação de novos elementos que pudessem dar impulso aos seus aspectos sociais, mormente aqueles relacionados às áreas da educação e da cultura.

É nesse clima de transformações tão radicais impostas à vida da até então pacata capital catarinense que se implanta de maneira definitiva a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Nas rádios da cidade, misturavam-se aos sons dos Beatles e Rolling Stones as canções que embalavam o nascimento da Bossa Nova. Notícias chegavam da nova capital, trazendo informações sobre a turbulência política que prenunciava tempos difíceis para a nação brasileira. Nas vozes de Adolfo Zigueli, de Antunes Severo, de Dakir Polidoro e tantos outros radialistas que fizeram a história da comunicação em Santa Catarina, um assunto, porém, era sempre noticiado com ênfase e importância singular: a criação, a estruturação, o fortalecimento e a importância da Universidade Federal de Santa Catarina para o desenvolvimento social, político e econômico do estado catarinense.

Com a UFSC a cidade se transforma. O distante distrito da Trindade, local onde acabaria sendo implantado o campus da Cidade Universitária que iria abrigar grande parte de seus departamentos, vê sua estrutura completamente modificada. Se antes abrigava terras destinadas a suprir os habitantes da capital de carne, frutas e verduras, agora aquele espaço da

cidade entraria definitivamente na rota do “progresso”. Os caminhos outrora destinados aos carros de boi e aos poucos automóveis que por ali circulavam foram dando lugar a movimentadas ruas. Suas pastagens foram sucumbindo e em seu lugar surgiam os primeiros edifícios para abrigar os novos habitantes que, de perto ou muito longe, vinham em busca de novos horizontes, de novas perspectivas.

A sede de beber dos conhecimentos que ali começavam a se produzir também proporcionou aos filhos nativos desta Ilha significativas transformações. Se até bem pouco tempo atrás era necessário se deslocar a outras partes do país ou até mesmo do exterior em busca de uma formação universitária, a que era possível somente àqueles oriundos das classes sociais de maior poder aquisitivo, agora bastava que se cruzassem as fronteiras do Morro da Cruz para que este novo mundo se abrisse, tornando real um sonho há muito acalentado.

Mas não é só o bairro da Trindade que se transforma com a implantação da UFSC. Outras áreas da cidade também passam a sentir os efeitos dessa importante instituição, principalmente no tocante às transformações viárias que se mostravam necessárias, tendo em vista o deslocamento que milhares de usuários faziam em sua direção. A necessidade de pavimentação, alargamento e modernização de vias e a implantação de linhas de transporte coletivo ao longo de todo o percurso que demandava ao campus universitário são os elementos mais marcantes desse período, pois acabam carregando consigo um grande contingente populacional que passa a residir em seu entorno ou em bairros adjacentes, antes considerados longínquos e sem a adequada infraestrutura, agora valorizados pela proximidade desse novo e importante equipamento público.

Não obstante aquele ter sido um momento de exceção política, marcado pela dureza de um governo militar que impunha suas regras pela força das armas, as transformações que se processavam mundo afora não permitiam que as vozes mais lúcidas se calassem. No rádio continuávamos a ouvir os Beatles e os Rolling Stones, a TV nos mostrava a chegada do homem à lua ou o encanto de seriados como Bonanza, Túnel do tempo e Jeannie é um gênio. Nas inesquecíveis tardes de domingo, acompanhávamos extasiados a jovem guarda comandada por Roberto Carlos e companhia.

Enquanto isso, a UFSC crescia em importância e em ações, trazendo à comunidade catarinense significativos avanços sociais, culturais e educacionais. Para os mais jovens abria-se a possibilidade de também fazerem parte de sua estrutura através do, por muitos desejado, Colégio de Aplicação.

Estudar ali significava quase que a certeza de se ter uma carreira promissora e exitosa. Passar em seu exame de admissão era como abrir as portas da universidade, de ter um futuro garantido, principalmente para aqueles que não possuíam a chance de frequentar os colégios mais tradicionais da cidade.

E assim foram se firmando os anos sessenta. A cidade adquirindo novos ares, as transformações tornando-se inevitáveis. A exemplo da região da Trindade, onde se instalou a UFSC, o centro principal da capital catarinense também começava a sentir a necessidade de transformações substanciais. A velha ponte já dava ares de que não mais suportaria o peso dos anos e o crescente avanço da indústria automobilística. Todo o sistema viário também se encontrava comprometido e já era evidente a necessidade de uma nova ligação Ilha-continente. Aproximam-se os anos setenta, e a velha e charmosa Florianópolis pede passagem para um futuro ainda incerto. De certo mesmo ficou a esperança de que a chegada da Universidade Federal traria consigo a possibilidade de se respirar novos ares, de se despertar para um novo tempo, um tempo em que não mais seria possível caminhar distante do poder do conhecimento.

O novo centro do saber trouxe consigo o Ginásio de Aplicação. Essa década foi marcada pela implantação da Universidade de Santa Catarina, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura, por meio da Lei nº 3.849², de 18 de dezembro de 1960, sancionada pelo então presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Em 20 de janeiro do ano seguinte, o governador do Estado — Heriberto Hulse — assina a doação à União (para incorporação à Universidade) da fazenda “Modelo Assis Brasil”³, situada no bairro da Trindade, no município de Florianópolis, com cerca de um milhão de metros

² Essa Lei, além de criar a Universidade de Santa Catarina, também federalizou a Universidade do Rio Grande do Norte. Definiu, ainda, que elas teriam personalidade jurídica e gozariam de autonomia didática, financeira, administrativa e disciplinar, na forma da Lei.

³Para maiores informações sugere-se a leitura de Loth (2008).

quadrados. João David Ferreira Lima, o primeiro reitor da Universidade de Santa Catarina, empossado no início do ano de 1961, foi o responsável pelos encaminhamentos administrativos e pedagógicos da nova Universidade.

A Universidade, então, reuniu as seguintes instituições de Ensino Superior já existentes em Santa Catarina: Faculdade de Direito de Santa Catarina; Faculdade de Medicina de Santa Catarina; Escola de Engenharia Industrial, modalidades: Química, Mecânica e Metalurgia; Faculdade de Serviço Social, da Fundação Vidal Ramos, na qualidade de agregada. Com a criação da Universidade, conforme parágrafo único do Artigo 5º da Lei nº 3.849/1960, essas instituições

[...] passam a denominar-se: Faculdade de Direito, Faculdade de Medicina, Faculdade de Farmácia, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Engenharia Industrial da Universidade de Santa Catarina e Faculdade de Serviço Social. (BRASIL, 1960)⁴.

A Universidade foi criada para atender à demanda por ensino superior e profissionalização. A receita do estado era crescente, revelando a necessidade e o potencial de Santa Catarina para receber uma instituição federal de ensino superior.

A autorização para o funcionamento condicional do Ginásio de Aplicação foi concedida em 15 de março de 1961, por meio do Ato nº 5 da Inspeção Seccional de Florianópolis (SANTA CATARINA, 1961). A Portaria nº 673, de 17 de julho de 1961, expedida pelo diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura do Governo Federal, aprovou e concedeu autorização de funcionamento condicional ao Ginásio de Aplicação pelo período de quatro anos.

Os Colégios de Aplicação, conhecidos como CAPs, são instituições de Ensino Fundamental e Médio vinculadas às universidades federais. Atuam na interface entre a Educação Básica e a Educação Superior, e funcionam como campo de estágio orientado e supervisionado para estudantes dos cursos de Licenciatura em diferentes áreas do conhecimento. Tais colégios cumprem as funções de educação básica; desenvolvimento da

⁴Lei 3.849 de 18 de dezembro de 1960. Cria a universidade Federal de Santa Catarina. Brasília, 1960.

pesquisa; experimentação de novas práticas pedagógicas; formação de professores; criação, implementação e avaliação de novos currículos; e formação dos docentes.

A autora Evangelista²⁰ (2003, p. 50) esclarece que

A história dos colégios de aplicação, em sentido amplo, cruzou-se com a da formação docente, sugerindo-se que compusessem a estrutura da formação do magistério como lugar de experimentação pedagógica e de produção de saber educacional. Na esteira desse pensamento – o da produção de ciência, da mentalidade cidadina, dos valores industrializantes – progressivamente as instituições de nível superior vocacionadas à formação docente vão contar com Colégios de Aplicação, articulados em torno da ideia de que a formação do mestre precisava de locais próprios para a pesquisa pedagógica e científica, a exemplo de laboratórios.

O surgimento dos CAPs, em nível nacional, segundo a professora Sena²¹ e Vahl (1987), ocorreu por meio do Decreto-Lei nº 9.053, de 12 de março de 1946. Com esse dispositivo legal, ficou estabelecido que todas as Faculdades Federais de Filosofia, reconhecidas ou autorizadas a funcionar no território nacional, deveriam manter um Ginásio de Aplicação destinado à prática docente dos alunos matriculados no Curso de Didática. Em Santa Catarina, encontrando-se em processo de federalização, a Faculdade de Filosofia solicita autorização, em 31 de julho do ano de 1959, pelo então Diretor da Faculdade Professor Henrique da Silva Fontes.

Os Ginásios de Aplicação teriam como diretor um professor de Didática Especializada e uma orientação centralizada no diretor da Faculdade de Filosofia. O foco maior de discussão foi a possibilidade de que tal estabelecimento contemplasse inicialmente os dois ciclos – ginásial e colegial - ou primeiramente se limitasse a um deles (CAMPOS, 1957, p. 32).

Nesse âmbito, no Brasil, o primeiro Colégio de Aplicação surgiu em 1948, na Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro. Luiz Alves de Mattos é considerado o pioneiro dessa iniciativa por

²⁰ Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

²¹ Professora aposentada do Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação/UFSC.

ter dirigido esse colégio, de 1948 a 1965, seguindo-se daí a criação de outros Colégios de Aplicação.

O bom desenvolvimento das escolas-estágio avançou no sentido de experimentar novas práticas pedagógicas, novos modelos de organização e de metodologia didática. A primeira denominação de “Ginásio de Aplicação” foi, ao longo do tempo, substituída à medida que essas escolas passaram a oferecer o curso Colegial/Normal e, por último, os anos iniciais do ensino fundamental.

A importância da criação dos Colégios de Aplicação estava diretamente relacionada à eficiência da formação profissional. A partir de 1962, o caráter dessas escolas foi se ampliando, uma vez que deixaria de ser simplesmente campo de estágios nos laboratórios, onde era praticada a pesquisa e a extensão, com objetivo de repensar tanto a formação do professor quanto a educação no país, já que essas experiências deveriam ser estendidas e praticadas nas escolas da rede pública de ensino.

Ainda de acordo com Sena e Vahl (1987, p. 50),

A ideia era de que a Didática devesse ser trabalhada ao vivo, sob a forma de prática de ensino. Essa, então, deveria acontecer sob a responsabilidade de uma instituição ligada à Faculdade de Filosofia, de onde receberia influência de sua cultura. Esses colégios, fundados em vários estados, tinham ainda outros diferenciais, como: docente universitário, amplo programa extraclasse, variada atividade esportiva e cultural, laboratórios e equipamentos de ponta.

A natureza dos vínculos entre as instituições de ensino superior e suas escolas médias foi muito variável, bem como a estrutura proposta, mas o fato comum a todas foi a sua abertura aos licenciados, para observação, participação e regência de aulas. Ao vivenciarem o ambiente da sala de aula, de maneira ativa, os alunos estariam tendo a possibilidade de aplicar as teorias pedagógicas à realidade escolar.

Com esses objetivos, essas instituições seriam centros de pesquisa mais atualizados na área educacional, nos moldes dos “Teacher’s College” americanos ou do “Instituto J. J. Rousseau”, de Genebra. Novos ideais refletiam o anseio por renovação pedagógica, a partir da experimentação de outras metodologias, bem como pela revisão dos objetivos, pensados ao final da Segunda Guerra Mundial. Essa ideia foi amadurecendo numa conjuntura histórica de enaltecimento do Estado, na década de 1940, e

exigia das Universidades que, por meio de suas Faculdades de Educação, criassem projetos para a construção de escolas que estivessem de acordo com os objetivos já citados.

Historicamente, a educação secundária, no Estado de Santa Catarina, tem um caráter elitista, ou seja, é destinada a uma pequena parcela da população. Na Primeira República, o Ginásio Catarinense era o único estabelecimento que oferecia o ensino secundário no estado, formando, em média, doze alunos por ano, quase sempre de classes sociais de maior poder aquisitivo (DALLABRIDA, 2001). Com a reestruturação feita pelo Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, o ensino secundário é dividido em dois ciclos — fundamental e complementar —, ganhando mais organicidade a partir da década de 1930. Nesse período, apesar da expansão dos colégios de ensino secundário no Estado de Santa Catarina, é possível dizer que a educação atingia uma parcela ínfima da população, visto que a maioria das instituições era privada e localizada nas principais cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde se concentravam as classes mais abastadas. No final da década de 1930, o Estado de Santa Catarina possuía apenas oito instituições com ensino secundário: Ginásio Diocesano (Lages), Colégio Santo Antônio (Blumenau), Ginásio Lagunense (Laguna), Ginásio Barão de Antonina (Mafra), Ginásio Aurora (Caçador), Colégio Coração de Jesus (Florianópolis), Ginásio Bom Jesus (Joinville) e o Ginásio Catarinense (Florianópolis) (DALLABRIDA, 2006).

O ano de 1946, quando o Estado decide tomar as primeiras medidas para a criação de ginásios públicos, pode ser considerado um divisor de águas na área da educação escolar catarinense. A partir daí, um maior número de catarinenses tiveram a oportunidade de estender seus estudos. Com a aplicação da Lei Orgânica do Ensino Normal (art. 42), Decreto-lei nº 8529 (DECRETO LEI, 1946), que previa a instalação de cursos ginásiais de 1º ciclo em Escolas Normais e Institutos de Educação, Santa Catarina ganha mais três cursos ginásiais públicos: o Ginásio Pedro II, em Blumenau (1946); o Instituto Estadual Dias Velho, atual Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis (1947)⁷; e o Ginásio Vidal Ramos, em Lages (1947).

⁷ De acordo com Dallabrida (2006, p. 131), somente em 1947, durante o governo de Aderbal Ramos da Silva, foi criado o curso ginásial no Instituto de Educação Dias Velho,

Estudos como os de Spósito (1984) e Nunes (1990), apud Duarte (2007), mostram que as camadas de classe média da sociedade, ao final da década de 1950 e início de 1960, instigadas pela política populista, organizaram movimentos reivindicando a ampliação do ensino médio para seus filhos, principalmente nas capitais e centros urbanos e industriais. “Se o processo de industrialização brasileira exigia um ensino secundário renovado, como continuação do ensino elementar e preparação para o trabalho, por sua vez a classe média, de um modo geral, exigia o ensino secundário tradicional e mais barato” (NUNES, 1980, apud DUARTE, 2007, p. 50).

Nesse momento histórico, em Florianópolis, com a criação da Universidade Federal de Santa Catarina, foi implantado o seu Ginásio. Esse estabelecimento de ensino secundário, vinculado à tradição inovadora dos colégios de Aplicação no Brasil, marcado pela experimentação, serviria de campo de estágio aos alunos dos cursos de licenciatura da UFSC. Dessa forma, o Ginásio de Florianópolis proporcionou uma cultura escolar de vanguarda, que implementaria práticas escolares diferenciadas e democráticas.

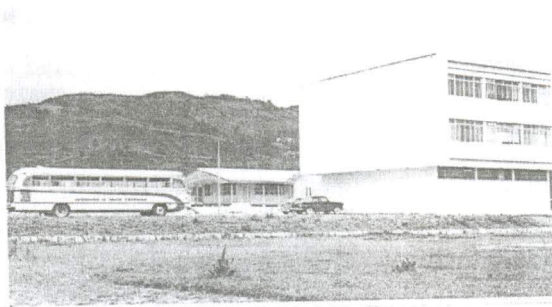
Espaço físico: da dependência da UFSC ao prédio próprio

Estando o Ginásio de Aplicação localizado no Campus Universitário, pressupõe-se que teria oportunidade de compartilhar, ao menos parcialmente, dos recursos de laboratórios, áreas internas de esporte e lazer, e atividades extraclasse da UFSC. Porém, o espaço físico do Ginásio de Aplicação sempre foi um problema sério, mesmo fazendo parte de uma instituição como a universidade. No Relatório de Verificação Prévia do Ginásio à Inspectora do Ensino Secundário — Maria Therezinha Chagas Corrêa —, em 14/3/1961, encontra-se: “O edifício é de linhas modernas, construção de primeira, dentro dos melhores padrões, tanto no que toca ao material como no que diz respeito ao aspecto funcional” (informação verbal)⁸.

localizado na capital catarinense, que oferecia os cursos normal e primário, e dois anos depois foram implantados os cursos do ciclo colegial do ensino secundário.

⁸Ainda no referido relatório, consta que “Enquanto não se constrói o prédio próprio para a biblioteca, acha-se ela provisoriamente instalada em três salas do 2º pavimento do edifício (sala de bedéis, sala de reuniões e escritório contíguo), ocupando uma área total de 116m

Em seus primeiros anos de funcionamento, apesar de toda a descrição detalhada no Relatório, apenas nos dois primeiros anos as aulas foram ministradas em salas da Faculdade Catarinense de Filosofia, recém inauguradas na Cidade Universitária, no bairro da Trindade, como se pode ver na Fotografia 1. Nessa mesma fotografia, encontra-se o ônibus universitário, que transportava os alunos da universidade e do Colégio de Aplicação, do Campus Universitário ao centro da cidade de Florianópolis.



Fotografia 1: Primeiras instalações do Ginásio de Aplicação – Faculdade Catarinense de Filosofia.

Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação/UFSC.



Fotografia 2: Prédio “Norte Madeira”

Fonte: Acervo do Colégio de Aplicação/UFSC.

82cm². A sala menor destina-se aos professores; a sala maior, aos livros e a consultas, a sala média, aos alunos. A iluminação é farta e perfeita. Os livros, cuja relação vai anexa e cujo número excede a 1.000 volumes, estão arrumados em prateleiras fixas, abertas, para o funcionamento do sistema de livre acesso. O mobiliário é de madeira; consta de mesa grande com doze cadeiras, de trinta mesas individuais com respectivas cadeiras, fichários, arquivo e máquina de escrever. Já o Auditório, localizado no 1º pavimento, ocupa uma área de 250m² livres, tendo em anexo uma outra área de 75m² destinada à sala de estar e cafeteria. Não se acha dotado de palco fixo, mas de estrado para teatro de arena.”

Com a admissão de novas turmas de alunos, o ginásio passou para o prédio “Norte de Madeira”, carinhosamente chamado pelos ex-alunos e ex-professores de “casinhas de madeira” (ver Fotografia 2). Em seguida, foi construído o prédio “Sul de Madeira”, transferindo-se o ginásio depois para o centro da cidade. Voltou para o prédio do Centro de Educação e, finalmente, para o prédio próprio, onde funcionam atualmente todos os segmentos do Colégio.

O Ginásio de Aplicação da Universidade de Santa Catarina passou a fazer parte da rede de escolas secundárias do estado no ano de 1961, sob a direção do professor Jamil El Jack, catedrático de Didática Geral e Especial da Faculdade Catarinense de Filosofia.

Foi na década de sessenta que as universidades viveram a reforma universitária, que incluiu a possibilidade de desenvolvimento das ações de ensino, pesquisa e extensão:

Com a Reforma Universitária, instituída pela Lei 5.540, promulgada em 28 de novembro de 1968, passando a vigorar em 1970, entre outras alterações, foi substituído o sistema de cátedras por departamentos. O objetivo foi implantar a articulação entre ensino, pesquisa e extensão, modernizar a estrutura administrativa e do corpo docente. Essa modificação verticalizou uma hierarquia que se segue em departamentos, unidades de ensino para o cumprimento de currículos distintos, instalando dessa forma um sistema de controle formal-burocrático nas universidades, ao mesmo tempo que segregou e individualizou a organização do trabalho dos professores. (LAFFIN; MENEGASSO, 2002, p. 169).

O quadro permanente de docentes do Ginásio de Aplicação era constituído pelos professores do Departamento de Métodos de Ensino e por professores contratados pelo Colégio, além de um corpo rotativo, composto por alunos que, depois de formados nos cursos de licenciatura, eram convidados a fazer um estágio de um ano na escola. Abaixo, a lista dos docentes de 1960:

Édio Chagas, Eliane Bernardino Dornbusch de Campos, Eda Maria Evangelista Brito, Milton Digiacoimo, Elisabeth DauxMussi, Adroaldo Camargo, Osvaldo Jacques, José Acácio Santana, Ivone Alves de Oliveira Digiacoimo, Dilza Délia Dutra, José Curi, Stela Maria Souza, Rosa Maria de Campos, Evangelia João Kotzias, Antônio Filomeno Neto,

Norma Füscher, Carlos Humberto Corrêa, Maria Conceição Alves Rodrigues, HeberLeebarbenchon Poeta, Ivete Vieira Dutra, Maria Alice Clasen, Marçal Melo Filho, entre outros (GINÁSIO DE APLICAÇÃO, 1961-1969).

No Relatório de Atividades do Colégio de Aplicação, Marçal Mello Filho, ex-diretor do colégio (1972), retrata a postura que a escola buscava:

O Colégio de Aplicação foi criado em 1961 para oferecer maior quantidade possível de contribuições no sentido de aperfeiçoamento do ensino médio brasileiro. Temos a obrigação de criar, experimentar e divulgar nossos métodos e nossas técnicas de ensino. De procurar oferecer aos nossos alunos efetiva oportunidade de verdadeira educação, para que sejam homens de seu tempo, de seu país e de seu mundo. (COLÉGIO DE APLICAÇÃO, 1973)

Maria Conceição Alves Rodrigues (2008, p. 4), ao informar sobre a implantação do Ginásio, diz que:

Nós, os professores, queríamos fazer com que o colégio fosse um difusor de novas metodologias, onde tudo que fizéssemos fosse estendido para a comunidade. O sistema de avaliação, a metodologia, sistema de aula, tudo deveria ser repassado para a comunidade através dos alunos que, depois de formados, adotariam esta prática nas escolas públicas em que fossem lecionar. (informação verbal)⁹

Nesse sentido, Sena e Vahl (1987, p. 22) situam que o:

Ginásio de Aplicação, estendendo suas pesquisas e respectivos resultados às demais escolas, estimulará o Sistema Estadual de Ensino a proporcionar as condições mínimas necessárias para uma melhor qualidade do ensino sob sua responsabilidade.

Entretanto, apesar da estrutura e organização proposta para o funcionamento do Ginásio de Aplicação/UFSC, pouco se sabe, ou não há registros formais, acerca das práticas escolares pensadas e aplicadas pelos(as) profissionais da educação que atuaram como diretores(as) e professores(as) na época.

Considerações finais

Inserido na Universidade Federal de Santa Catarina, o Colégio de Aplicação (antes “Ginásio de Aplicação”) teve uma trajetória não muito fácil no que se refere ao espaço físico. Conseguiu sua autonomia em prédio

⁹ Entrevista concedida por Maria Conceição Alves Rodrigues em 23 de julho de 2008.

próprio após várias mudanças no Campus e até mesmo teve seu funcionamento no centro da cidade.

Apesar disso, quando lemos os depoimentos dos ex-professores citados neste trabalho, conclui-se que o Colégio de Aplicação sempre soube arcar com a responsabilidade de ser modelo no ensino médio, com inovações no sistema de avaliação e na metodologia.

A constituição do Colégio de Aplicação sempre se articulou a uma ideia de formação docente, de lugar de experimentação pedagógica e de produção de saber educacional, por meio do bom desenvolvimento da escola-estágio, de experimentar novas práticas pedagógicas, novos modelos de organização e de metodologia didática.

Visualizam-se memórias de que o Ginásio de Aplicação atuou como instrumento de discussão na implementação de tendências pedagógicas no movimento educacional catarinense.

Referências:

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 3.849**, de 18 de dezembro de 1960. Cria a Universidade Federal de Santa Catarina. Brasília, 1960.

CAMPOS, Ernesto de Souza. Colégio de Aplicação. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 67, p. 223-240, jul./set. 1957.

COLÉGIO DE APLICAÇÃO. **Relatório de atividades**, 1973.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. 294 p.

DALLABRIDA, Norberto. Privatização e Elitização do Ensino Secundário em Santa Catarina (final do século XIX - meados do século XX). In: VALLE, Ione Ribeiro; DALLABRIDA, Norberto (Org.). **Ensino Secundário em Santa Catarina: histórias, políticas, tendências**. 1. ed. Florianópolis: Cidade Futura, 2006, p. 115-140.

DECRETO LEI Nº 9.053 DE 12/03/1946. Determina a Criação de Escolas de Aplicação junto aos Cursos de Didática.

DUARTE, Degelane Córdova. **O Ginásio Estadual Pedro II e o Ensino Secundário para as classes médias (1946-1956)**. 2007. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, 2007.

EVANGELISTA, Olinda. Colégios de Aplicação na encruzilhada. In: COSTA, Fabíola Cirimbelli Burigo; BIANCHETTI, Lucídio; EVANGELISTA, Olinda (Org.). **Escola Viva: a construção do Projeto Político-Pedagógico do Colégio de Aplicação da UFSC**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2003, p. 49-66. (Coleção Cadernos CED).

GINÁSIO DE APLICAÇÃO. **Livro de Relatórios**, 1961-1969.

LAFFIN, Marcos; MENEGASSO, Maria Ester. **De contador a professor: a trajetória da docência no ensino superior de Contabilidade**.

2002. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina – PPGEP, Florianópolis, 2002.

SANTA CATARINA. Inspetoria Seccional de Florianópolis. **Ato nº 5**, de 15 de março de 1961. Concede ao Ginásio de Aplicação da Faculdade Catarinense de Educação autorização para funcionar. Florianópolis, 1961.

SENA, Guiomar Osório de; VAHL, Teodoro Rogério. **O Colégio de Aplicação no contexto das universidades brasileiras**. 1987. 133f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Sócio-Econômico, 1987.